

VIDA PAROQUIAL



Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

RELATÓRIO DO ANO DE 1960

Sete anos de pastor Jacob servia, Labão, pai de Raquel, serrana bela, assim dizia o poeta Camões, referindo-se ao facto bíblico que nos conta a história de Jacob. E neste relatório que pontualmente fazemos todos os anos poderemos começar, parodiando o vate: Dez anos de pastor servia...

★

Já lá vão dez anos — fê-los no dia 24 do passado mês de Dezembro — que tomei conta desta imensa paróquia.

O que foram estes dez anos só Deus verdadeiramente o sabe. Mas ao analisá-los com alguma profundidade, posso concluir que neles houve afinal, como em qualquer vida humana, muita ilusão e sonho e imensas desilusões e desânimos.

A missão do sacerdote, sobretudo a do pároco, é cada vez mais difícil, desde que a vida moderna se tornou tão rapidamente móvel e complexa.

Para uns o Padre tem de confinar-se só à Igreja e aí dele se se imiscue na vida pública, pobre dele se vai assistir publicamente os desgraçados, se se coloca em comissões distribuidoras de donativos. Se o fizer é logo apontado como vaidoso ou ouve dizer-se: «que tem o Padre com isso?» e procura fazer-se tudo sem a sua presença, com medo de que o seu brilho ou a sua figura tirem a importância dos outros.

Para outros o Padre devia sair mais da Igreja, tomar parte activa na política local, conviver mais com os grandes, etc., etc.

Estas duas atitudes são extremistas e por isso erradas, como é óbvio para qualquer são pensamento.

«Se não há miséria humana que não possa refugiar-se no coração dum padre», como dia Josse Alzin e se o padre se deve «consagrar totalmente ao serviço de Nosso Senhor», como sentia o Rei Alberto da Bélgica; se o padre é Homo Dei, — Homem de Deus — «segregatus ab hominibus» — escolhido entre os homens — e é instituído para aquelas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer oblações e sacri-

fícios pelos pecados, como refere S. Paulo na Carta aos Hebreus; se deve ser impreensível, sóbrio, prudente, trabalhador, não violento, nem amigo de riquezas, como o Apóstolo relata na Epístola a Tito, não há dúvida que nada disto diz que o Padre deva recolher-se à sua Igreja e só nela exercer o múnus próprio.

O Padre é o homem público por excelência. É até numa freguesia aquele que lida com mais pessoas; não há dor que não conheça, alegria que não viva, nada do que se passa na paróquia lhe deve ser estranho.

Qualquer padre pode dizer — dentro da mística da sua missão — que nada do que é humano julga alheio, como Terêncio.

Não quer com isto dizer que o Padre tenha que ser um político. O Pároco sobretudo tem que ser um para todos e por isso não deve filiar-se em qualquer partido, dado que, não sendo vedado aos católicos escolher na política todo o partido que respeite a liberdade de cada um, e tendo o padre de lidar com todos, não deve dar o seu nome ou adesão a qualquer corrente política para assim se sentir ilvres para atender qualquer, embora intimamente tenha a sua opinião e até a manifeste sem alardes.

Eis, porque para certos, o padre não agrada, nem consegue agradar. Porque o padre é um homem social nada de bom se devia passar na paróquia sem a sua presença, sobretudo todas as iniciativas dos católicos deviam ter a presença do pároco. Eu sei que é mais importante — assim podem pensar os mundanos, não os católicos — convidar o sr. Fulano ou Sicrano porque o pároco não pode prestar tantos favores... mas até nisso há um erro porque o Padre tem socialmente — enquanto as coisas não mudarem — tanta ou mais importância que as outras entidades oficiais, não pela pessoa deste ou daquele padre, mas pela sua missão, sobretudo num país que se diz católico. E essa importância vai da mesa até qualquer festa, como aliás se pode

ver em livros de civilidade ou em compêndios de protocolo.

Deixemos contudo esta análise ideológica básica para pensar como foram estes dez anos, consoante tais ideias.

★

Tinha 26 anos quando pisei terras de Figueiró dos Vinhos. Era uma idade de sonhos. Nessa altura ainda eu fazia versos, repassados de ditirâmbicas arremetidas de doiradas virtualidades.

Contudo o meu bispo mandou-me para aqui e não há dúvida que tive de deixar o poeta lá fora e tomar o realista.

Informe-me do que era a paróquia e todos me disseram mal... «É terra de políticos, ninguém se entende, não se dão uns com os outros», embora sejam lindos os seus horizontes, os recantos e a paisagem. Disseram-me até que alguém chegou a afirmar «ser Figueiró um lindo cortiço com más abelhas».

Era esta a impressão que bailava na minha alma ao entrar neste rincão de facto belo e sedutor que conseguiu prender a alma genial de Malhoa e criar um filho tão heróico como Neutel de Abreu.

E por isso tomei o propósito de viver uma vida isolada, não me envolver na política, não visitar ninguém, não conviver senão nos lugares públicos e de só visitar doentes ou pobres e de só comparecer naquelas festas, quer públicas quer particulares, para que fosse convidado.

Poderão muitos interpretar isto como orgulho. Não o é de facto. Foi uma reslução de há dez anos e que até o meu Bispo me aconselhou. De facto não me acobardo diante de ninguém porque tenho presente o conselho de D. Francisco de Portugal: «calando se desonra quem com medo se cala» e a frase de E. Blasco: «O silêncio é a virtude dos fracos» e ainda a intimativa de S. Paulo: «fala oportuna e importunamente», mas faço-o por missão e porque assim deve ser.

Sei que era melhor para mim calar, e mesmo conviver com os grandes, mas isso seria atraiçoar-me e atraiçoar a minha missão.

(Continua na 2.ª pág.)

RELATÓRIO DO ANO DE 1960

(Continuado da 1.^a páv.)

«Muitos são os que honram a pessoa do poderoso e muitos os que são amigos daquele que reparte dádivas», diz a Sabedoria de Salomão, e eu não quero nem devo ser servil.

Procuo servir mas não ser servil, e como diz o poeta Correia de Oliveira:

«Há de servir a servil,

Diferença que muito importa;

Servir, é vara direita

Que é servil quando se entorta.»

É por isso que, de cabeça levantada, procura servir. O meu lema de ordenação foi esta palavra de Jesus: «Não vim para ser servido, para servir», e isto tenho procurado pôr em prática. Sacrificio dinheiro, comodidade e tudo ao bem dos outros e é essa a minha maior glória. Tenho a convicção de que luto sempre pelos pobres, sem desprezar os ricos.

Eu sei que estes não gostam que eu fale de certa maneira — por ex. que têm sido so pobres os que contribuem para as coisas da Igreja, residência e que dão alguma coisa ao pároco da sua lavoura — mas eu gostaria de poder dizer as coisas de outro modo.

Mas nem por isso deixo de cumprir a missão paroquial para com os ricos. Que leiam o Evangelho e verão se tenho ou não razão.

Não sou mais por uns ou por outros. Sou igual para todos, mas tenho de reconhecer os factos e as realidades palpáveis da paróquia. Não posso calar-me quando deva falar, embora isso doa a grandes e a pequenos.

Se fosse vingativo, se não soubesse perdoar, se não tivesse obrigação de perdoar, haveria muita gente que excluiria dos meus cumprimentos, pelas atitudes pouco decentes ou pelas palavras mentirosas ou menos dignas sobre a minha pessoa. Sei que muito fala quem tinha obrigação de estar calado — dizem-se católicos e não respeitam a Igreja e seus ministros —, sei como se comentou o meu relatório do ano passado em lugares onde se devia respeitar a dignidade dos outros, sei que não sou *pessoa grata*, boa pessoa, para certa camada social que se julga superior, mas, ergo as mãos para Deus, — a quem agradeço profundamente toda a força e coragem que me dá, contra todos os que me podem levar ao desânimo — pois a obra está à vista e, são os outros que o dizem, a freguesia está melhor. Melhor catequese, mais compreensão da santa missa, mais vida de piedade, obras imensas realizadas.

Sei hoje, após dez anos, que a freguesia não era totalmente o que me diziam, mas que há muito ainda a cortar, sobretudo certas línguas viperinas

que só vêm mal onde está por vezes bem e que não sabem perdoar as faltas dos outros, mas que não perdoam que tenham para com elas as mais pequenas irrealidades ou descon siderações.

Felizmente há hoje muito quem ajude — embora se precise de mais — com o dinheiro e com o esforço, embora entristeça que haja quem nada faça e que censure os que algo fazem.

Contudo, com a força de Deus, continuarei a trabalhar e estou convencido que haverá muita gente e cada vez mais a ajudar e até estou quase certo de que os que não ajudam hão-de bater no peito e dizer *me culpa, mea culpa*. Em qualquer dos casos perdoar a todos os que tanto mal dizem e fazem e que Deus os e as ajude.

★

Estas minhas palavras do primeiro do ano não são apenas um relatório mas também um desabafo. Desabafei e agora vou dizer algo do que se fez e se passou no ano de 1960.

O movimento paroquial — baptis mos, etc. — foi menor do que nos outros anos, talvez por ser ano bissexto — a superstição ainda não acabou — pois houve apenas 93 baptis mos, 29 casamento e 51 funerais. Mas será melhor para o ano, se Deus quiser. Continuo a não levar nada aos mais pobres e por isso houve 3 baptis mos e 10 funerais gratuitos.

O movimento de piedade foi consolador, registando-se um elevado número de comunhões, 26.364 e quase todos morrem com os últimos sacramentos — houve este ano 40. A assistência à Santa Missa é boa, embora haja ainda quem falte e muitos que chegam tarde, esquecidos de que na maior parte dos casos cometem pecado mortal. Há ainda quem trabalhe ao domingo mas também há quem reaja e será óptimo que, de futuro, essa reacção seja ainda maior.

A frequência das 1.^{as} sextas-feiras e 1.^{as} sábados e de outras devoções tem felizmente aumentado e há-de continuar tal aumento, se Deus quiser.

Algo se fez neste ano no plano material: uma rica passadeira — ainda não há subscrição suficiente para a pagar — uma casa de banho decente para a Igreja, o arranjo do órgão e aquelas pequenas grandes despesas de sempre.

Se há uma dívida de 8 contos de restos da construção da residência, há contudo ainda um pequeno saldo na Igreja — 1.382\$70 —, na Confraria —

1.441\$40 — e na Caixa da Sagrada Família — 159\$40 —. O que há é ainda muito a fazer: arranjo do altar do S.^{mo} Sacramento — agora o pior da Igreja — que está orçado pela Casa Fânzeres de Braga em 4 contos; sacristia nova que deve custar uns 15 contos; e este fatídico soalho que bem precisa total substituição, etc.

Já estamos fartos — e vós também de cortejos de oferendas, senão ainda lá íamos. Mas se de cada casa dessem para a Igreja 1 ovo por semana, tudo se fazia sem custar nada. Deixo aqui a ideia e de vós depende o resto, a não ser que as galinhas se neguem.

E a obra do meu coração: a Casa ou Casas para os pobres. Já muitos receberam circulares. Vão ser enviadas mais e para isso pedimos a vossa colaboração, procurando cada um, que tenha famílias, lá fora em qualquer parte do mundo, enviar circulares que darei a quem quiser. E que todos vão entregando o seu óbolo generoso para uma obra tão grandiosa e que atestará a vossa caridade cristã. Podem pois entregar já o dinheiro na Igreja ou na Residência Paroquial, ou a qualquer senhora da L. I. A. M. ou a qualquer aluno do Colégio. E para a frente.

★

Resta-me agora levantar os meus agradecimentos, em primeiro lugar ao Sr. P.^o *Abílio Rodrigues* que durante quase todo o ano tem prestado serviços prestimosos à nossa paróquia e que Deus conserve junto de nós ainda muito tempo; às *catequistas* que tão abnegadamente e até com heroicidade continuam a colaborar com o Pároco e com a Igreja e sem as quais seria impossível a elevação religiosa e moral da freguesia; aos homens da Confraria que tão devotada e nobremente servem a Igreja e ajudam o Pároco; à Senhora D. Irene Godinho que continua a ser a tesoureira fiel da Igreja; às Irmandades, Confrarias, Associações, em especial à L. I. A. M., à Ex.^{ma} Câmara Municipal pelo que dão da sua alma e dedicação à causa da Igreja; às cantoras que tão brilhantemente cumprem o dever de nos deleitar com as suas vozes angelicais; aos mordomos das festas; às fogaceiras e a todos os que souberam cumprir e amar a Santa Igreja; e agradecer até aos que dizem mal do Pároco ou dos sacerdotes porque também eles sem o saberem são os que mais brio dão àqueles de quem murmuram.

A todos o Pároco pede desculpa, sincera e lealmente, de todas as suas faltas, de todos os seus erros e pecados, de que já pediu perdão a Deus; e aos seus paroquianos e famílias deseja um Ano de 1961 de bênçãos e graças de Deus.

EUCARISTIA

É o mais augusto de todos os Sacramentos e contém Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem — o seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade— sob as aparências do pão e do vinho, e em qualquer fragmento ou gota das mesmas espécies.

Aos protestantes, que negam a presença real, dizendo que Deus não pode estar no Céu e na Hóstia consagrada ao mesmo tempo, podemos responder que Ele é Todo-Poderoso.

Repliquemos ainda: E como é que o nosso pensamento, por meio de palavra, entra na cabeça de muitos, inteirinho, sem sair da nossa cabeça? E podemos perguntar-lhes que faz o pão para se transformar em nossa carne, etc., etc.

Jesus está presente e vivo na Hóstia consagrada — é a nossa Fé de séculos que no-lo diz, baseada sobre as palavras de Cristo e dos Apóstolos e confirmada por admiráveis prodígios.

Há poucas verdades tão claramente reveladas como a da Eucaristia. Jesus tinha-a predito e prometido, como era seu costume, quando se tratava dos grandes acontecimentos da Sua vida. Basta ler o Evangelho de S. João (VI, 54, 57).

Dos outros três Evangelistas depreende-se claramente a instituição deste Sacramento em termos quase idênticos:

«Quando estavam a cear, Jesus tomou o pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Bebei todos, porque este é o meu Sangue da Nova Aliança, que será derramado para remissão dos pecados». (Mat. XXVI, 26, 28).

E disse também: «Fazei isto que Eu fiz em memória de mim» (Mat. 26, 19).

Os Apóstolos (1 Cor. 11, 24) e os Sacerdotes, como alto-falantes de Jesus, farão isto até ao fim do mundo e em todo o lugar.

Queria talvez enganá-los, entendendo falar duma presença qualquer e não duma transformação real do pão e do vinho no Seu Corpo, Alma e Divindade?

Então teria feito isto ciente e voluntariamente, levando os seus discípulos a uma idolatria nova, o que não se concilia, com a sua Divindade, porque de facto os Apóstolos repetirão o facto, como se vê claramente nos Actos e nas Cartas de S. Paulo (Coríntios), onde diz entre o mais: «Assim, todo aquele que comer este Pão ou beber o cálice do Senhor indignamente (com pecado na alma) será réu do Corpo e do Sangue do Senhor».

Ora, se não fosse o Corpo e o Sangue de Cristo, não se tornaria réu.

Não parece lógico que uma pessoa, que quer deixar as suas últimas vontades como testamento, deve ser explícita e clara?

Se um moribundo te deixasse a sua casa... o que dirias se te entregassem depois somente a fotografia da mesma?

Desta maneira raciocinam os protestantes e apregoam-no por aí (e nestes dias mais alto, aproveitando a ingorância do povo).

[Que pensam, porém, estes doutores das seguintes palavras de Lutero: «A negação da presença real é uma blasfêmia evidente, uma negação da verdade divina!»].

O mesmo fundador do protestantismo chama aos que negam a presença real «uma quadrilha de miseráveis e demoninhados»].

Como explicam então os discípulos de Lutero os milagres que, à vista de todos, a Eucaristia realiza? Jesus está lá e, na S.ta Missa, no momento em que o Padre, representando Jesus, pronuncia sobre o pão e o vinho as palavras da Consagração: «**Isto é o meu Corpo**», «**Isto é o meu Sangue**», o pão muda-se no Corpo do Senhor e o vinho no seu Sangue. Quando o SS.^{mo} Sacramento está exposto sobre o altar ou está no Tabernáculo, é Jesus Cristo realmente presente que nós adoramos e, quando se comunga, é Jesus Cristo que se recebe para ser alimento espiritual da alma. Não é a Sua imagem, nem a Sua fisionomia, (não te esqueças disto), é o próprio Jesus Cristo, quer dizer, o mesmo Filho de Deus, o mesmo que ressuscitou e subiu ao Céu.

Para bem comungar, é preciso não ter pecado mortal na consciência. Se houvesse um só que se conhecesse, cometer-se-ia um sacrilégio.

Comer-se-ia e beber-se-ia a própria condenação, como diz S. Paulo. É preciso também estar em jejum (uma hora de antecedência sem tomar alimentos líquidos, três de antecedência sem se tomar alimentos sólidos e bebidas alcoólicas, não quebrando a água o jejum eucarístico). Desta regra estão dispensados os doentes quando recebem a Eucaristia como Sagrado Viático.

A instituição deste Sacramento, além de satisfazer ao amor de Jesus, desajoso de união connosco até à consumação dos séculos, resolveu uma outra necessidade: «Filhos de Deus, precisamos de alimento divino».

A recepção frequente deste Sacra-

mento tem para a alma o mesmo efeito do alimento do corpo, sem o qual bem sabemos que não podemos manter-nos vivos; é-nos inculcada por Jesus com palavras indiscutíveis e duma força muito grande: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a Carne do Filho do Homem e não beberdes, o Seu Sangue, não tereis a vida em vós» (Jo. VI 54).

Quanta anemia, que mortandade impressionante vai nas almas! Perdeu-se o apetite dos manjares do Céu, porque estamos saturados, como os animais, das bolotas da terra.

D. Bosco, o grande Santo dos nossos tempos, que preveniu até os decretos de Roma sobre a Comunhão frequente, dizia, não sem inspiração divina:

«A comunhão frequente é a grande coluna que sustenta o mundo material e moral para que não se desmorone».

A Comunhão não é para os Santos, mas para aqueles que o querem ser: os remédios dão-se aos doentes; o alimento, aos fracos. E o mesmo santo continua: «**Crede, meus rapazes, o segredo duma boa formação está nos Sacramentos da Confissão e da Comunhão**». «Não basta comungar uma vez, é preciso comungar frequentemente».

Talvez sirva para os pais e educadores este conselho do mesmo Santo, conhecedor das almas novas:

«É preciso que Nosso Senhor tome posse do coração das criancinhas, antes que o pecado o estrague».

(Continua no próximo número)

Padre Abílio

Donativos para a Igreja

Por intermédio do sr. Aníbal Silveira Herdade, de seu irmão sr. Carlos da Silveira Herdade e por alma de sua saudosa Mãe, sr.^a D. Josefa Herdade — 500\$00. Muito grato e paz à alma de sua Ex.^{ma} Mãe.

Também nos entregou 200\$00 o Ex.^{mo} sr. Dr. José Alberto da Gama Fernandes de Carvalho, Ilustre Assistente da Faculdade de Ciências de Coimbra e Bolseiro da Universidade de Cambrige, em seu nome e no de sua Ex.^{ma} Esposa sr.^a D. Maria Teresa de Araújo Lacerda Morgado Fernandes de Carvalho.

Muito obrigado.



Donativos para a Passadeira

Sr. ^a D. Albertina Cunha — Vila	20\$00
Sr. ^a Ester da Conceição — Vila	10\$00
Anónima	10\$00
Anónima	50\$00
Anónima	50\$00
Anónima	100\$00
Sr. Antero Mata — Chãos de Cima	50\$00
Que Deus vos pague.	

PATRIMÓNIO DOS POBRES UMA IDEIA EM MARCHA

Estou convencido de que a construção de uma casa para uma família pobre da freguesia será em breve uma realidade.

Com efeito, todos os que já contribuíram com os seus donativos bem generosos induzem-me a uma tal afirmação.

A maioria dos que comigo têm falado louvam a iniciativa e incitam-me a continuar.

Damos hoje a 1.ª lista de donativos pela ordem de entrega:

P.ª José da Costa Saraiva.....	1.000\$00
Virgínio Dias Vitorino — Guarda Fiscal em Olhão, mas da Bairrada	100\$00
Senhor Engenheiro António Mottilli de Paiva — Lisboa	500\$00
Senhor Bento Caetano de Oliveira — Vila	10\$00
Senhora Adelina de Jesus Cunha — Vila	10\$00
Senhor Ruben João Cardoso Furtado — Vila	500\$00
Senhora D. Silvina de Sá— Vila	50\$00
Menina Andreza Maria dos Santos e Silva Oliveira— Vila	250\$00
Senhor Alcides de Oliveira Ramos — S. Tomé	250\$00
Senhora Elisa da Conceição Curado — Vila	20\$00
Senhor Luís Pinto—Coimbra	50\$00
Senhor Manuel Gaspar—Vila	70\$00
Senhor Tomás Fernando da Silva Granada — Vila	10\$00
Senhor Dr. Ernesto Lacerda — Vila	1.000\$00
Senhora D. Sofia da Concei- ção Santos — Vila	20\$00
Senhora D. Albertina Iria Cunha — Vila	100\$00
Senhor Justino Mendes Me- deiros — Vila	50\$00
Senhor António da Silva Coe- lho — Ilha de Santa Maria	100\$00

Amigos de «Vida Paroquial»

Senhor António Simões de Sousa — 20\$00; Senhor Manuel da Silva Dias — Tomar — 20\$00; Sr.ª Madalena Rijo — 5\$00; Sr. José Mendes Medeiros (Ávó) — 10\$00; Senhor Augusto José — 20\$00; Senhor Luís Pinto — Coimbra — 20\$00; Senhor Pires Teixeira — 5\$00; Senhor Joaquim Francisco da Silva — 10\$00; Senhor Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado — 50\$00; Senhor Alfredo dos Santos Conceição — 6\$00; Senhor António Alves Pereira — 5\$00.

Bem hajam.

Senhora D. Maria Madalena Simões Almeida Silva (Rijo) — Vila	15\$00
Senhor Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado — Vila ...	500\$00
Senhor Manuel Lourenço — a passar férias nesta Vila...	100\$00
Senhor P.ª Abílio Rodrigues — Vila	100\$00
Senhor Manuel Quaresma Nunes — Lisboa	100\$00
Hidro-Eléctrica do Zêzere ...	200\$00
Banco Espírito Santo	100\$00
Anónima	20\$00
Senhora D. Zamira e D. Auré- lia de Sousa	25\$00

Total 5.150\$00

(Continua)

Quem desejar entregar os seus donativos pode fazê-lo pela forma mais conveniente.

E a revolução continua...

Direcção do Distrito Escolar de Leiria

EXAMES DE ADULTOS

Épocas Normais

Março — dia 20 para a 3.ª classe; dias 21 e 22 para a 4.ª classe.

Junho — dia 19 para a 3.ª classe; dias 20 e 21 para a 4.ª classe.

Dezembro — dia 15 para a 3.ª classe; dia 18 para a 4.ª classe.

As provas realizam-se nas sedes dos concelhos a que pertencem se o número de candidatos o justificar.

Nota: — Nos meses de Março e Junho a entrega dos documentos far-se-á nas Delegações Escolares até ao dia 10 de cada mês. No mês de Dezembro a entrega dos documentos far-se-á até ao dia 5.

Épocas Extraordinárias

Janeiro — dia 23 para a 3.ª classe; e 24 para a 4.ª.

Fevereiro — dia 24 para a 3.ª classe; e 25 para a 4.ª.

Abril — dia 24 para a 3.ª classe; e 25 para a 4.ª.

Maio — dia 25 para a 3.ª classe; e 26 para a 4.ª.

Julho — dia 27 para a 3.ª classe; e 28 para a 4.ª.

Outubro — dia 26 para a 3.ª classe; e 27 para a 4.ª.

Novembro — dia 28 para a 3.ª classe; e 29 para a 4.ª.

As provas realizam-se na sede do distrito — Leiria.

Nota: — Entrega dos documentos até ao dia 15 de cada mês, na Direcção Escolar, devendo o respectivo requerimento ser acompanhado de uma estampilha fiscal de 100\$00 (cem escudos).

Os candidatos só poderão prestar provas mediante a apresentação do **Bilhete de Identidade**.

MOCIDADE PORTUGUESA

Da Delegação Distrital da Mocidade Portuguesa de Leiria recebemos a seguinte carta:

Ex.º Senhor:

Solicitando de V. Ex.ª o subido favor de lhe dar especial relevo no mui conceituado Jornal da sua digna direcção ou representação, cumpre-me informar V. Ex.ª de que, por iniciativa desta Delegação Distrital, o Ex.º Senhor prof. Dr. Joaquim Moreira da Silva Cunha, Comissário Nacional Adjunto da M. P. para o Ultramar, preferirá no Ginásio da Escola Industrial e Comercial de Leiria, pelas 21 horas do dia 28 do corrente, uma conferência subordinada ao tema «PORTUGAL PERANTE AS NAÇÕES UNIDAS», destinada aos Ex.ºs Directores e Corpos Docentes de todos os Estabelecimentos de Ensino, Dirigentes e Filiados da Mocidade Portuguesa do Distrito de Leiria.

Digna-se assistir à conferência Sua Ex.ª o Senhor Subsecretário de Estado da Educação Nacional, assistido dos Ex.ºs Comissário e Assistente Nacional da Mocidade Portuguesa, a ela sendo convidadas as dignas autoridades locais e distritais.

Muito nos honrará V. Ex.ª com a sua presença.

Agradecendo antecipadamente todas as atenções, apresento a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos,

A Bem da Mocidade Portuguesa

Leiria e Delegação Distrital da Mocidade Portuguesa, aos 16 de Janeiro de 1961.

O Delegado Distrital,
Dr. Ruy Acácio da Luz

Tristezas para quê!?

TRISTEZAS
NÃO PAGAM
DÍVIDAS...



O empregado: — O senhor esqueceu-se de pagar a despesa.

— Não faz mal, Eu bebo para esquecer.

★

O médico: — Você deve lembrar-se que o álcool é um veneno lento.

O doente, bebedor incorrigível:

— Não importa: não tenho pressa nenhuma.

★

A um estudante italiano saíram 1.900 contos em prognósticos de futebol. Veio logo um jornalista entrevistá-lo:

— O que vai fazer com todo esse dinheiro?

O garoto pensou um instante e respondeu:

— Vou comprar o meu colégio para o fechar...

★

— Senhor Professor, pode alguém ser castigado por uma coisa que não fez?

— Evidentemente que não. Porquê?

— Porque não fiz o exercício para hoje.